



Entrevista



DIZ SER UM “ARQUITECTO DO LUGAR”
E QUE O PORTO ESTÁ A PERDER
“A IDENTIDADE”, PORQUE ESTÁ A
TRANSFORMAR-SE NUMA CIDADE “APÁ-
TICA, FRIA E SEM MEMÓRIA”. A
TRAÇO FOI CONHECER JOAQUIM
MASSENA, O ARQUITECTO PORTUENSE
QUE GANHOU O CONCURSO INTERNA-
CIONAL PARA O MERCADO DO
BOLHÃO, MAS QUE ATÉ À DATA NÃO
VIU A SUA IDEIA SAIR DO PAPEL

JOAQUIM MASSENA

“O diálogo é fundamental”

Texto de **Ana Rita Sevilha** # Fotos de **Hugo Gamboa / DR**

A temática da reabilitação e da recuperação esteve sempre patente no seu exercício?

Joaquim Massena: Sim, esteve. O ponto forte foi e é sempre a arquitectura, depois existem duas vertentes: a obra de raiz e a obra de intervenção no património edificado e existente. A obra de raiz tem uma contemporaneidade assinalável, que são as nossas referências e aquilo que conseguimos intuir durante a nossa aprendizagem e a nossa leitura dos mestres, daquilo pelo que passamos ao longo do espaço e do tempo. Depois as questões relacionadas com o património são aquelas que conseguimos interpretar, isto é, que conseguimos observar e começar a desenvolver num conjunto de acções, naturalmente com base em conceitos que são sempre aquilo que ela representa na memória. As obras de raiz e de restauro fazem a nossa identidade.

Portanto, é esta a minha preocupação e a que arquitectura deve ter: a de ter uma atitude universal.

Que análise faz da evolução ao nível do património, desde que iniciou a sua actividade até hoje?

Eu acho que há uma intervenção que é positiva, pelo menos fala-se do património, percebe-se que é algo que tem de ser preservado. E o património é de facto de raiz e é o existente, e essa é uma preocupação que julgo que as pessoas começam a ter porque começam a dialogar. Mas claro que nem sempre os modelos ou os conceitos que se aplicam são os mais favoráveis para a manutenção desse mesmo património. Quando falamos da

obra de raiz verificamos que há todo um conjunto de símbolos e de elementos que fazem parte desta época e que muitas das vezes são nocivas quando se aplicam directamente no edificado. Na obra de raiz é desejável, mas na obra existente provavelmente não o é, e por isso é preciso perceber que a ruptura não é o mais conveniente no património. Creio que hoje se fala bastante mais das questões e da forma como se faz intervenção no património, e por conseguinte há uma melhor interpretação. Os objectivos depois é que fraquejam um bocadinho, as intervenções são muitas vezes duras, porque se está a passar com a mesma metodologia para o interior do edificado e depois o que se faz é a destruição de todo o interior, de tudo aquilo que representa, e deixa-se ficar aquilo que é a parte menor, a fachada. As cidades são naturalmente tratadas como fachadas e não como um todo, e isto é que me parece pouco correcto e que não defende a identidade de uma cidade, seja ela qual for.

Mas isso é o resultado de más avaliações e intervenções ou de factores económicos?

Os factores económicos são os que mais relevam essa situação, porque a máquina está toda preparada para a obra de raiz, e está a ser confrontada hoje com a obra de reabilitação e restauro. Por conseguinte não está a haver no espaço e no tempo essa reflexão sobre a importância de intervir no património, que significa metodologias completamente distintas que não podem ser as mesmas que as usadas nas obras de raiz, que são obras de grande vulto, com grandes equipas e meios completamente distintos dos que se utilizam na reabilitação. Portanto, é aqui que julgo que há uma má interpretação, em Portugal, da questão da reabilitação, o que já não se verifica na vizinha Espanha, ou em Itália ou França, onde há uma preocupação de preservar a identidade, e a identidade significa o todo. Aqui temos tido uma leitura do património mais incisiva, mais ligada à fachada, se preservamos a fachada já achamos que estamos a fazer reabilitação ou restauro, mas não estamos.

Diz que é um "Arquitecto do Lugar". O que é isso?

O Lugar tem sempre também ele uma identidade. Quer quando estamos numa situação mais pura, quer numa situação mais edificada. Tem um génio próprio, é um Lugar feliz muitas das vezes e tem de ser tratado como tal. Dessa forma, desenvolvo para o Lugar uma componente, ou um abrigo, que tenha a ver com as pessoas, com aquilo que ele representa. É o Genius Loci. A arquitectura intuí bastante, quando pensamos arquitectura não podemos pensar somente na técnica, ela tem de intuir um conjunto de outros valores que são os locais, os sociais, os económicos, e os das pessoas que o vão utilizar. É muito importante que nesse Lugar existam também um conjunto de pessoas que participem nesse trabalho. Saber o que pensam, fazer com que sejam participativas, que tenham a sua opinião, isso vai formando uma energia positiva que vai dar lugar a um elemento edificado que é o resultado dessas características e vontades.

Deve-se ou não imprimir num edifício, aquando da sua reabilitação, um cunho do nosso tempo para que ele continue a contar a sua história?

Claro, a história tem de ser contada. Acrescentar deve-se sempre, não se deve é subtrair, e aquilo que se está a fazer neste momento é subtrair ao património e nada se acrescenta. Ou seja, chegamos ao edifício demolimos tudo e depois moldamos a história à nossa maneira. Eu acho que devemos contar a história acrescentando mais um ponto.

Mas há quem tenha uma visão mais fundamentalista...

Acho que muitas vezes não se está a falar a mesma linguagem, isto é, há falta de diálogo na compreensão do que é o património. O demolir



Acho que muitas vezes não se está a falar a mesma linguagem, isto é, há falta de diálogo na compreensão do que é o património. O demolir é que acho que é fundamentalista, o preservar significa restaurar.

é que acho que é fundamentalista, o preservar significa restaurar. Na intervenção no património temos várias metodologias, há a conservação e a manutenção, o restauro – que implica o não acrescentar, a reabilitação – onde acrescentamos, e a requalificação – onde acrescentamos ainda mais. Há várias qualificações na intervenção do património, por



Entrevista



temos de ser pedagogos. Os municípios têm de perceber que a sua importância está na actividade e não na omissão.

Há pouco falava da importância do diálogo e da participação da comunidade. Acha que a crítica é fundamentada, ou baseia-se no "gosto, não gosto"?

Nesse aspecto tenho feito sempre uma actuação com base no diálogo. No Mercado do Bolhão estive dois anos com o projecto, tinha reuniões permanentes, as pessoas estavam elucidadas sobre o que estava a acontecer. Com a Escola dos Sentidos aconteceu a mesma coisa, houve um conceito de acompanhamento. O mesmo se passou na Escola da Academia de Música. Naturalmente que eu não posso querer unanimidade quando projecto, sei que vai haver sempre aqueles que vão ter mais ou menos fundamento e os que vão oferecer maior ou menor resistência, mas isso é muito importante no nosso exercício. O pior que nos pode acontecer é as pessoas ficarem surdas e mudas. E o melhor que nos pode acontecer é que as pessoas participarem, porque isso gera desenvolvimento.

Disse em tempos que o Porto estava a "perder identidade e memória"...

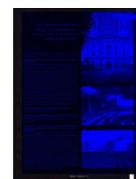
O que se passa na cidade do Porto é um problema que temos no País. Passamos da obra de raiz para a obra de reabilitação sem que haja diálogo, e a falta de diálogo muitas das vezes leva a que os actores apenas o façam de uma forma quase executiva. Ou seja, é preciso criar um determinado projecto, que tem de ter um determinado custo e tem de ter um determinado prazo, e quase se esquecem que ele está na segunda cidade do País, onde se deram um conjunto de acções que foram importantes, que faz com que a cidade do Porto tenha um conjunto de memórias que é preciso estimar, que é preciso preservar para que se mantenha vivo um conjunto de passagens. O que acontece é que as coisas estão desfeitas, actuam e deixam apenas a fachada, dizem que se pensa em quarteirão, mas depois pensam em fachada, porque toda a identidade do quarteirão tem desaparecido. O que tenho verificado é que estão a surgir um conjunto de projectos na cidade do Porto que fazem com que ela esteja a perder identidade. Não estão a ter uma filosofia pegando em conceitos e fazendo novos modelos, mas sim pegando em modelos que foram utilizados na periferia, e recorrendo ao "fachadismo". É aqui que a identidade da cidade se perde e a memória da cidade desaparece. É a regra da destruição completa. Vamos ter uma cidade nova

isso creio que quando falamos é preciso saber o que estamos a dizer. Agora em qualquer das situações, é sempre para as pessoas, temos de utilizar o património sempre com a perspectiva de que ele vai ser usado por nós, e portanto tem que nos dar conforto, equilíbrio, provocar-nos os sentidos. É muito importante que seja estimulante e que nos crie emoções. Por exemplo, nós na Igreja da Lapa não acrescentámos, apenas tratámos e limpámos, mas claro que já ficou diferente do que era porque o tempo se encarregou de fazer essa erosão de um conjunto de situações, mas estão lá as marcas todas.

Acha que nas nossas cidades têm sido fundamentalistas ao nível da intervenção no património?

Penso que há de facto um problema gravíssimo dentro das cidades. Normalizou-se tudo, e quando se normaliza o tempo é completamente distinto. Isto é, o tempo da nossa vontade e o tempo da normalização é completamente distinto. É preciso fazer uma reabilitação aos aspectos normativos, é preciso demonstrar que eles são muito importantes em termos de registo, em termos de percebermos muitas das vezes o tipo de intervenção que vamos ter, mas não podem ser impeditivos, e entenda-se impeditivos no sentido mais lato da palavra, no fundo da nossa vontade, partindo do princípio que aquilo que estamos a fazer é sempre para o interesse de todos nós. Os municípios têm de ter uma acção cívica que é de acompanhamento, uma acção pedagógica. Na actividade que exercemos





“As cidades são naturalmente tratadas como fachadas e não como um todo, e isto é que me parece pouco correcto”

no pior sentido da palavra, destruindo toda a existência. Será isto que as pessoas querem? Não devemos ter o dever de falar sobre estas questões?

E qual a importância do ensino nesta temática e na forma de abordagem à mesma?

Eu julgo que as escolas tem de ter uma acção, quer sejam do ensino universitário ou secundárias. Isto é, os alunos devem ser formados para melhor entender a vida, as pessoas e aquilo que têm de fazer. São jovens, com muita actividade e energia e que acham que acabam determinado nível de ensino e estão prontos. Esta é a mensagem que lhes dão e não a de como é importante aprender porque depois vão continuar a estudar, vão ter vontade de ainda conhecer mais. No fundo nessa altura estamos prontos para começar a aprender, e é essa a mensagem que devem passar. O ensino hoje, da forma como está a ser dado, se não for interpretado desta forma, que é percebendo a importância do Lugar, daquilo que faz e das questões com que se vai relacionar, deste aspecto universal que a vida tem, não vai contribuir para que os jovens se integrem. O poder das escolas é esse, o de poderem trabalhar numa fase de aprendizagem, de ensinar a saber ver e a saber sonhar. Hoje as escolas estão afastadas de tudo isso. As escolas hoje têm paradigmas completamente distintos dos que eu aprendi. Eu tive um relacionamento muito próximo com os mestres, até em termos de conceito, a escola era um lugar como a nossa casa, onde se dialogava sobre temas importantes, nós tínhamos sonhos. E a arquitectura é isso mesmo, e tem de ser ingénua às vezes. E é por isso que ela intui.

Acha que faria sentido haver uma especialização nesta área?

Não. A arquitectura não tem especialização...

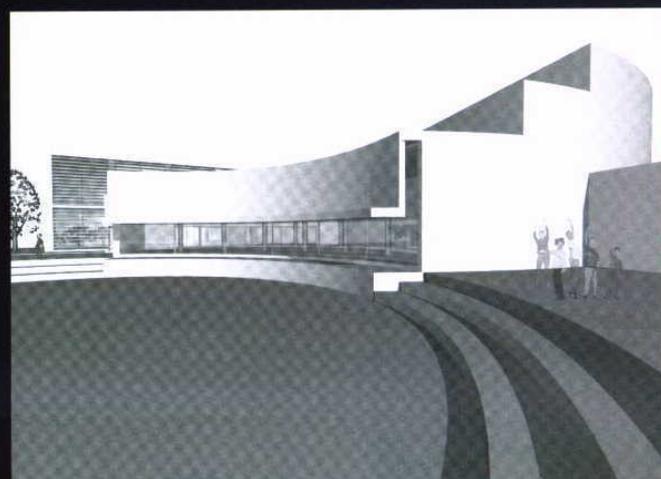
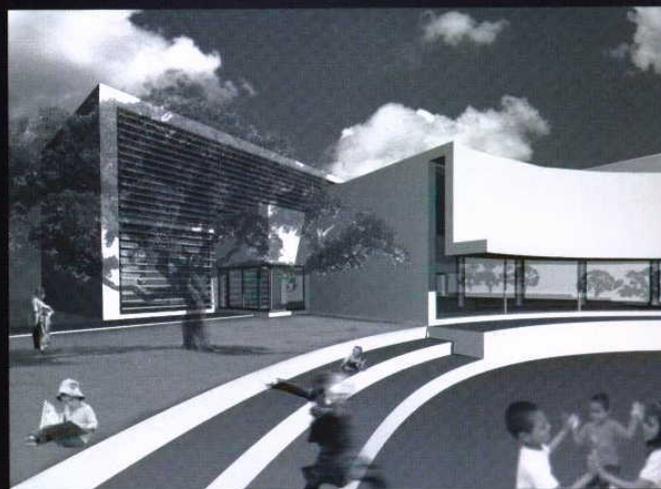
Então como se prepara melhores arquitectos e técnicos para intervir?

Não se prepara melhor, as pessoas têm de falar, têm de experimentar, porque a arquitectura tem de ter uma acção universal, quando for especialista é engenharia.

É autor de uma escola chamada de “Escola dos Sentidos”, que prevê “despertar reacções sensoriais espontâneas” nas crianças. Que particularidades tem?

O exercício da arquitectura é um exercício de diálogo. Os sentidos são muito importantes na construção, e quando nós lançamos este exercício, achámos que era altura de pensarmos num edifício que pudesse motivar as pessoas. Por isso os meus filhos, Filipe e Diogo, que também trabalham comigo, fizeram um trabalho de pesquisa sobre programas educativos, para que esta escola pudesse trazer um conjunto de espaços pedagógicos e educativos, que unisse as pessoas em torno de valores e de aspectos muito importantes. A ideia foi pegar numa escola, a “Escola dos Sentido” e criar um conjunto de espaços que permitam essa confluência de interesses. Esta é uma escola que tem espaços exteriores que permitem que a criança perceba o ciclo da vida, através de árvores de fruto, onde existe um pequeno museu que poderá receber um conjunto de peças que vão puxar pelo imaginário das crianças e pelos aspectos mais sensoriais. Tem também um poli-desportivo e um poli-valente onde podem acontecer teatros, dança, exposições. A “Escola dos Sentidos” no fundo é isto, a abertura que ela pode ter com a comunidade. Da nossa parte enquanto arquitectos o trabalho foi o de perceber a universalidade da vida e proporcionar na escola esta realidade de acções.

Entrevista



Entrevista



Ganhou o concurso para o Mercado do Bolhão, na altura o projecto foi aprovado pela Câmara do Porto e pelo IPPAR. Em traços gerais, do que constava?

O projecto aconteceu em 1992, foi resultado de um concurso público internacional, no qual participaram 52 arquitectos, dos quais onze chegaram ao fim. Desses onze foram escolhidos três. Um com um primeiro lugar de excepção, o nosso, e depois dois segundos. Passado isso, em 1996 foi feito o contrato para a elaboração do projecto de execução. Quem elaborou o programa de concurso foi a Faculdade de Arquitectura do Porto juntamente com a Câmara Municipal do Porto, e o júri foi composto por um leque extenso e interessante de personalidades. Em termos gerais, no fundo, o projecto preservava todo o existente e acrescentava duas questões: os aspectos técnicos, nomeadamente introduzia as infra-estruturas necessárias bem como os elevadores para responder às questões de mobilidade. E depois os aspectos de ordem funcional: o mercado mantinha-se como uso, na periferia ficava a zona mais mercantilista e mais comercial, que por sua vez se iria expandir para possibilitar outras valências ligadas à cultura e aos aspectos comerciais. Era uma forma de se poder trazer valências ligadas à indústria e à concepção, como por exemplo estilistas, ou espaços para actividades ligadas à música ou à dança. Tínhamos todo um conjunto de outras ofertas per-

sadas para aquele espaço, a fim de o tornar mais dinâmico sem que o mercado se perdesse. Na altura, quando ganhei o concurso, senti uma responsabilidade muito grande, e pensei que não poderia trazer para a cidade um modelo que fosse destruidor desta identidade. Em traços gerais o projecto do Mercado do Bolhão é isto, e está pronto para ser executado.

E é actual?

Claro que sim. Nunca ninguém me disse onde é que ele estava desactualizado ou era economicamente inviável...

Então o que acha que teve em causa para a câmara ter desistido de o levar avante?

Não faço ideia, nunca me explicaram. Não percebo qual é o capricho.

O que é que acha que vai acontecer ali?

Acho que a cidade vai fazer aquilo que tem feito ao longo do espaço e do tempo, que é dizer "viva o património". Acho que não vai ser demolido.

Acha que um dia o seu projecto poderá ganhar corpo?

Não sei. Copiar não vão porque eu não vou permitir. ■

